

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
LICENCIATURA EM TEATRO

Vitor de Jesus Freitas

**MONTAGENS TEATRAIS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE VACARIA:
Relatos de professoras com formação em outras áreas**

Porto Alegre

2014/02

Vitor de Jesus Freitas

**MONTAGENS TEATRAIS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE VACARIA:
Relatos de professoras com formação em outras áreas**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Teatro - Licenciatura do Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Mesac Roberto Silveira Júnior

Porto Alegre

2014/02

O GURI DE VACARIA

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse (FREIRE, 1992, p. 32-33).

O guri nasceu em Vacaria, região nordeste do Rio Grande do Sul, na cidade que é a "Porteira do Rio Grande". O município faz divisa com Santa Catarina e lá moram cerca de 64.000 (sessenta e quatro mil) pessoas (Censo IBGE, 2013).



O menor é o guri, no meio a mãe, do outro lado o irmão dele.

Nessa terra ele iniciou seus estudos. Aos seis anos foi direto para a primeira série, a mãe não quis colocá-lo no pré, na época era opcional. Antes de entrar na escola já conhecia caderno de caligrafia e as letras do alfabeto, a mãe dedicava alguns minutos por dia para ensinar a escrita. Ela também tomava a tabuada, o guri tinha uma régua que ia dos "vezes um" até os "vezes dez".

Da casado guri dava para ouvir a voz do locutor de gineteada e os shows do Parque dos Rodeios - nos anos pares acontece o Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria. Ele morava no bairro Imperial, no famoso FBI (Fundos do Bairro Imperial), bairro pobre, de gente humilde e trabalhadeira. A maioria dos moradores do bairro trabalhava - e ainda trabalha - na colheita da maçã. O que mais há na cidade são empresas de maçã, não é a toa que também chamam de "Terra da Maçã". Vacaria é a maior produtora da fruta no país.

A primeira escola em que ele estudou ficava no mesmo bairro em que morava, bem pertinho de casa, bastava subir e descer o morro - lá o pessoal chama "lomba" de "morro". Era 1992.

Na primeira série, a professora perguntou para cada aluno o que queria ser quando crescesse, o guri até então nunca havia pensado naquilo e, enquanto os outros iam dizendo, refletia no que poderia responder. "E você, Vitor, o que quer ser quando crescer?" - disse a professora. "Eu quero ser... professor." - ele disse. A professora era adorável, daquelas inesquecíveis, tipo superprofessora com superpoderes, capaz de resolver qualquer conflito em sala de aula com muita ponderação.

A grande atração escolar anual era o Show Cultural. Cada colégio apresentava seus talentos artísticos - hoje em dia cada escola faz o seu, do seu jeito, e onde achar mais conveniente, geralmente na própria instituição de ensino. O período de ensaios era cheio de cobranças, incertezas, alegrias e tristezas, os professores e as professoras desempenhavam papéis de "mágicos(as)", tirando da cartola soluções, em especial nos dias que antecederiam a apresentação. Era um misto de *stress* e diversão.

O evento era a oportunidade para cada escola fazer sua grande apresentação que seria apreciada por toda a comunidade vacariense. Acontecia na Casa do Povo, espaço projetado por Oscar Niemeyer, construído em 1988, com palco italiano e espaço com cerca de quatrocentas poltronas (o local ficou fechado por dez anos,

sendo reformado e reaberto em 2012). As montagens eram feitas por professores e professoras sem formação acadêmica em Artes Cênicas, mas que engajavam-se para que tudo desse certo no momento da apresentação.

O guri, muito tímido, dificilmente era escalado para interpretar algum papel com fala nas peças, no máximo era convidado para fazer o figurante que só ficava parado ou que passava rapidamente pelo palco. Ele lembra de uma apresentação com música - a canção fugiu da memória - que passeava pelo palco sentado num carrinho de rolimã, e isso foi incrível!



Casa do Povo, após reforma.

As apresentações na escola geralmente eram com danças folclóricas regionais, em especial no mês de setembro, com as comemorações do Dia do Gaúcho e Semana Farroupilha. Apresentações de teatro no colégio surgiam, na maioria das ocasiões, quando tinham relação com datas comemorativas. Os professores e as professoras dedicavam-se na montagem da peça teatral que seria apresentada para a comunidade escolar, lidando "do jeito que dava" com os conflitos existentes no caminho.

O guri mudou duas vezes de escola. Na primeira vez, porque só oferecia turmas até a quinta série, na segunda vez, porque tinha até a oitava. A mãe o trocou de escola ao concluir a sétima série, para garantir vaga no futuro colégio quando passasse para o Ensino Médio. Na terceira escola, que tinha Ensino Médio, ele fez a oitava, e no final do ano - era 1999 - teve que escolher entre Magistério ou PPT (Preparação para o Trabalho). O guri escolheu Magistério. Ouviu de uma colega: "Só quero ver o Vitor professor, os alunos vão virar a sala e ele não vai abrir a boca pra nada." Ele ainda lembra a voz da guria, mas o nome dela esqueceu - e que bom ter esquecido! O guri decidiu enfrentar a timidez.

No Ensino Médio muita coisa mudou, colegas de todo canto da cidade e de municípios vizinhos. O perfil da turma era outro, bem diferente, a maioria eram gurias, pessoal muito criativo e unido. Assim, o seu processo de perder a timidez, melhor, aprender a lidar com ela, ganhou força, pois tinha colegas muito solidárias(os) e compreensivas(os). Foi um período muito bom na vida do guri, e fez com que tivesse a certeza de que ser professor era o seu caminho.

Encerrado o Magistério, o guri trabalhou, se virou, precisava ajudar nas despesas de casa. Ele estava com dezessete anos. Foi nesse momento que surgiu um teste de teatro na cidade, ele fez, e passou. Era remunerado!

Além dele, outras pessoas também atuavam na peça, que era sobre trânsito: um casal sofria acidente de carro e iam parar no purgatório, sendo julgados pelo Anjo - que o guri interpretava - e o Diabo. Também havia a filhinha do casal e o Guarda de trânsito, esse nas pernas de pau. A peça se chamava "Na Corda Bamba".

As apresentações aconteciam no próprio ônibus do grupo - era um ônibus-palco. No local da apresentação, o ônibus transformava-se: havia uma porta na lateral, que virava um mini palco. De cada lado do mini palco era encaixada uma pequena escada, que possibilitava o deslocamento dos atores e das atrizes para cima, afinal, o teto também era palco. Também havia escadas nas laterais do mini palco, possibilitando o deslocamento para o chão - mesmo nível da plateia. O teto do ônibus era o purgatório, no mini palco ficava o casal e no chão - às vezes rua, às vezes calçada, dependia do local da apresentação - atuava o Guarda, com suas pernas de pau.

O grupo durou um ano, da metade de 2003 até metade de 2004, foi pouco tempo, mas suficiente para contagiar o guri. Dali em diante não parou mais de fazer teatro.



Peça: Na Corda Bamba. No teto, Anjo e Diabo, no mini palco, casal deitado.

Depois, foi dar aulas de catequese na igreja do bairro vizinho ao Imperial, Franciosi, sendo mais específico, embaixo da igreja, onde havia - e ainda há - as salas de aula. Foram três anos como catequista. Nesses três anos, montou a encenação do Nascimento de Cristo com as crianças. A apresentação era para a comunidade e acontecia na igreja, à noite.



Igreja de Nossa Senhora do Caravaggio, bairro Franciosi.

O tempo passou, ele cresceu, virou guri-homem.

Surgiu a oportunidade de dar aulas de Teatro em projeto social da cidade. O convite foi feito pelo maestro do coral municipal, o guri-homem também cantava no coral.

No projeto social ficou cinco anos, de 2006 até 2010. Ele dava aulas para adolescentes em vulnerabilidade social, no turno inverso ao da escola. Durante seu tempo no projeto criou o Festival de Teatro Amador. Como ele lecionava cada dia da semana numa escola diferente, resolveu fazer o evento, que funcionou muito bem. Não há mais, infelizmente, nem projeto, muito menos o Festival de Teatro Amador.

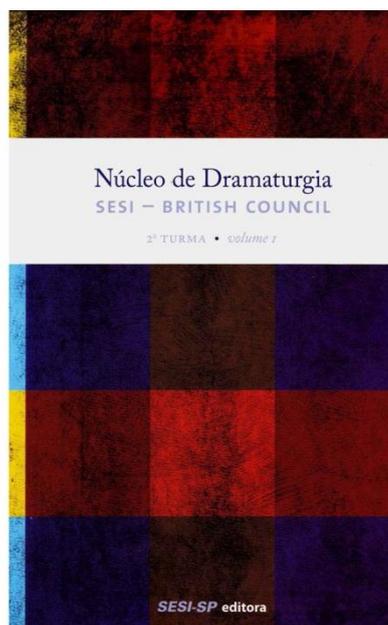
O guri-homem enveredou também nas Artes Visuais, licenciatura, começou na metade de 2006. Coursou três anos da faculdade em Lages, cidade catarinense vizinha.

Criou, em 2010, um Grupo de Teatro com adolescentes, "Vacaria em Cena", que tinha apoio da Prefeitura da cidade, e outro, "Grupo de Teatro Crianças em Cena". Ambos duraram um ano.

Escrever sempre foi um dos seus interesses e, também em 2010, inscreveu-se com uma peça de sua autoria para a seleção em São Paulo do Núcleo de Dramaturgia SESI - British Council. Teve que trancar o curso de Artes Visuais,

porque foi um dos doze selecionados, dentre duzentos candidatos, e por um ano estudou técnicas dramáticas. Fez parte da 2ª turma do Núcleo. Eram duas idas e duas vindas mensais de ônibus, ele trabalhava em Vacaria e estudava em São Paulo.

Encerrou, completado um ano, sua participação no Núcleo com peça publicada em livro. Assim, decidiu seguir realmente no caminho do Teatro.



Livro da 2ª turma do Núcleo de Dramaturgia Sesi - British Council

Em 2011, fez vestibular para Licenciatura em Teatro na UFRGS. Passou, largou seus compromissos em Vacaria, mudou-se para Porto Alegre. A rotina mudou, novos contatos, nova moradia, novos desafios...

INTRODUÇÃO

"Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade" (FREIRE, 2011, p. 31).

Em 2013, na disciplina Fundamentos do Ensino de Teatro, na UFRGS, ministrada pelo professor João Pedro Alcantara Gil, escrevi artigo intitulado "O Teatro nas Escolas de Educação Básica em Vacaria: A inserção da cultura local", para o qual consultei professores e professoras da educação básica de Vacaria que haviam feito montagem teatral na escola sobre algum aspecto do município.

Esses educadores e educadoras refletiram sobre o tema: a cultura local retratada em forma de teatro nas escolas de Vacaria. Doze professores(as) do ensino básico apresentaram observações e sugestões referentes ao desenvolvimento do teatro no contexto escolar.

A coleta de informações se deu através das seguintes perguntas: *Como é retratada a cultura local em apresentações teatrais nas escolas de Vacaria? De que forma a direção, professores e professoras influenciam estudantes a desenvolverem atividades artísticas - no caso, o teatro - relacionando com a cultura da cidade? Levando em conta o título do artigo, aponte outras observações que considere importantes.* A investigação foi desenvolvida através de questionário impresso.

A falta ou pouca experiência teatral por parte dos professores e professoras foi enfatizada. Professora C destacou que *só o professor que realmente gosta desenvolve atividades artísticas (raros)*. Acompanhando essa falta de conhecimento, a estrutura física também foi apontada. Professora E ressaltou a importância de *ser levado em conta também o espaço físico, que é precário para ensaios e a pouca vocação dos professores para desenvolverem trabalhos nessa forma*. Professora G salientou: *não temos local apropriado*, e Professora L: *não temos espaço físico para*

ensaios e para apresentações.

O termo "teatrinho" foi citado mais de uma vez pelas pessoas entrevistadas. Percebi que utilizaram a palavra como sinônimo de algo singelo, feito para ocasiões especiais - a exemplo, para as datas comemorativas - por ser realizado com crianças e também como forma de tratar carinhosamente o assunto. Sobre o termo, Vera Lúcia Bertoni dos Santos (2002) faz referência:

[...] a abordagem empirista do "teatrinho", utilizada com muita frequência em alusão a datas significativas constantes do calendário escolar, vincula-se a interesses dos adultos, sejam eles diretores, pais ou professores, em ilustrarem os momentos de culminância de determinada atividade ou "abrilhantarem" as ocasiões festivas ou comemorativas que a escola proporciona à comunidade (p. 117).

Nas apresentações, conforme relatos para o artigo, geralmente os alunos e alunas recitavam um texto moralizante no final, em outros casos, o cenário e figurino ganhava importância muito maior que os próprios estudantes. Joana Lopes (1989) ressaltou em seu livro "Pega Teatro" a importância que se dá ao belo nas montagens teatrais escolares, e como, muitas vezes, o objetivo maior passa a ser apenas o de impressionar quem assiste.

Quanto ao espaço para apresentações: em algumas escolas há o salão, ambiente indicado para eventos - artísticos ou não - e para aulas, em especial as de Educação Física, nos dias chuvosos ou muito frios. Em outras, é organizado um espaço com cobertura, para que os alunos e as alunas possam apreciar as atividades fora da sala de aula. O palco já está inserido no espaço físico de determinadas instituições de ensino da cidade, inexistente em algumas, e em outras é montado para as apresentações, sendo desmontado ao término das mesmas.

Os professores e professoras com interesse em fazer teatro na escola acabam, por diversas ocasiões, sendo taxados(as) de inconvenientes pelos colegas de trabalho. Isso ocorre, pois a cada projeto que desenvolvem necessitam repassar por um processo de adequação do ambiente, para ensaios e apresentações.

Essas informações foram muito úteis para que pudesse refletir ainda mais sobre o teatro feito por professores e professoras que possuem formação em outras áreas. O artigo foi um grande motivador para o desejo de aprofundar a investigação.

Sendo assim, elaborei e apresentei - também em 2013 - projeto na Secretaria Municipal de Educação de Vacaria, que resultou na realização de oficina de Teatro para educadorese educadoras das escolas municipais.

A oficina ocorreu em uma data, pela manhã e tarde, no mês de agosto. Foram propostos jogos teatrais de Viola Spolin, Olga Reverbel e Augusto Boal, com o intuito de introduzir noções básicas de teatro às participantes. O grupo foi composto por dez mulheres, havendo diretora de escola, professoras de Ensino Fundamental - séries finais e professoras da Educação Infantil.

Nos momentos de intervalo para lanche conversamos sobre a situação do teatro nas escolas de Vacaria. Foi uma ocasião que mais pareceu desabafo. As professoras tiveram a oportunidade de falar sobre a difícil estrutura nas escolas para organização de montagem cênica. Destacaram a falta de palco e a ausência de espaço para ensaiar, bem como o ambiente reduzido em algumas instituições de ensino.

A montagem feita às pressas também foi comentada. Em certos períodos - em especial, nos meses ou semanas que precedem outubro - há convite por parte da direção da escola para realização de apresentação artística. Para as professoras, o convite poderia ser feito com o máximo de antecedência possível. Em outubro comemora-se o aniversário da cidade e é realizada a Feira do Livro, com apresentações escolares.

O que mais me chamou a atenção foi a carência que as educadoras demonstraram sentir por não ter um profissional de Teatro que as orientasse, indicasse caminhos e referências para leituras. Percebi, pela maneira que relataram, a insegurança e conseqüentemente o desestímulo em organizar peças teatrais na escola.

Com as informações recebidas, darei seguimento aos estudos sobre o teatro na escola, feito por professores e professoras com formação em outras áreas. Vacaria, além de ser a minha terra natal, encaixa-se no que almejo como pesquisa.

Referente à educação básica, Vacaria possui - em 2014 - doze escolas municipais de Ensino Fundamental, sete municipais de Educação Infantil, seis municipais na zona rural, seis estaduais de Ensino Fundamental, cinco estaduais com Ensino Médio, três particulares de Educação Infantil e duas particulares com Ensino Médio.

Duas professoras foram investigadas durante o período de quatro meses (agosto até novembro). Ambas lecionam em escolas públicas. As escolhi pelo fato de ter conhecimento de suas montagens teatrais realizadas nas instituições de ensino que trabalham.

Para professores e professoras com formação acadêmica em Teatro, preparar uma montagem teatral com a turma é tarefa comum, pois faz parte de seus compromissos. E para os educadores e as educadoras que não possuem essa formação? Como buscam seus referências? Ou será que se apoiam apenas em intuições e experiências vividas?

Importante destacar que o objetivo desse trabalho não foi avaliar a maneira que cada professora transmitiu o conhecimento através do teatro. Também evitei que parecesse uma cartilha de como fazer teatro na escola.

A intenção foi criar um espaço de troca, onde pudesse ouvir, ver e sentir o que motiva essas professoras a montar peça teatral na escola. Perceber quais as responsabilidades e sensações oriundas desse processo. "Perguntar, perguntar, perguntar. Ir atrás de respostas, pesquisar, partilhar, aceitar a colaboração e mediação dos demais que estão na mesma busca ou que já fizeram percursos semelhantes" (VASCONCELLOS, 2006, p. 44).

O tema "memória" foi o motivador da minha escrita. Os relatos das professoras foram tão ricos que praticamente todas as suas contribuições apareceram em algum momento no trabalho. Foi uma experiência muito prazerosa e que me motivou ainda mais para seguir com estudos nessa área.

OBJETIVO

- Investigar de que modo professoras de escolas públicas vivenciam a montagem teatral na escola.

JUSTIFICATIVA

As encenações feitas por professores e professoras sem formação acadêmica em Teatro das escolas públicas de Vacaria foram as motivações para elaboração da presente investigação. Atualmente, no município não há educador ou educadora com graduação na área nem pesquisa em Pedagogia Teatral.

Viso, através desse trabalho, perceber como é feito o teatro nas escolas de Vacaria e assim, refletir sobre as práticas desenvolvidas pelas professoras consultadas.

Uma informação a destacar: no Concurso do Magistério 2013, foi oferecida na 23ª Coordenadoria Regional de Educação - a qual abrange o município de Vacaria - uma vaga para Licenciatura Plena em Teatro ou LP em Educação Artística (Cênicas). Não houve inscrição para a mesma.

SOBRE AS PROFESSORAS ENVOLVIDAS NO TRABALHO

Duas professoras foram os sujeitos da investigação. Cada uma leciona em escola municipal diferente.

As educadoras permitiram a divulgação de seus nomes e local de trabalho. Ambas assinaram termo de autorização de uso de imagem, voz e nome, bem como se mostraram dispostas em transmitir as informações necessárias:

Cleusa Fatima de Jesus Cardoso - formada em Letras - Português e Inglês - pela Faculdade de Letras e Educação de Vacaria - FALEV. Possui especialização em Psicopedagogia pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE. Professora concursada de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental - Séries Finais, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nabor Moura de Azevedo, no turno da manhã. No turno da noite leciona, na mesma escola, a disciplina de Inglês para o EJA.

Emanuele da Rosa Meneses - estudante do 4º semestre de Pedagogia na Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR. Formada no Ensino Médio na modalidade Magistério. Professora concursada no Ensino Fundamental- séries iniciais, correção de fluxo-alfabetização, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, no turno da manhã. No turno da tarde leciona no município vizinho, Muitos Capões, para a Educação Infantil.

As escolas Nabor e Duque - como comumente são chamadas - localizam-se em regiões periféricas, atendendo em sua maioria, alunos de classe baixa. Nessas instituições de ensino há o desenvolvimento frequente de peças teatrais, organizadas pelas professoras investigadas.

SOBRE AS ESCOLAS E RESPECTIVOS BAIRROS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nabor Moura de Azevedo localiza-se no bairro Imperial. A instituição foi criada em 1968. A escola recebeu esse título em homenagem ao intendente da cidade que se destacou na vida política e no esporte (BORGES, 2001, p. 113).

Os moradores do bairro, de classe baixa e média, trabalham, em sua maioria, nas empresas de maçã da cidade. É comum o movimento dos ônibus que levam e trazem os funcionários dessas firmas no amanhecer e entardecer, de segunda a sexta. Há também uma quantidade significativa de residentes do bairro que trabalham nas lojas e supermercados localizados no centro da cidade.

Os bairros vizinhos - Franciosi e Carazinho - localizam-se na mesma faixa de terras, não havendo marcos definidos que os separem (BORGES, 2001, p. 112). Uma referência, além da própria escola, é a Igreja de Nossa Senhora do Caravaggio, localizada no bairro Franciosi.

Registra-se portanto, que a região do Carazinho - Imperial - Franciosi foi formada inicialmente por pessoas humildes, de origem portuguesa e italiana que, com muita dificuldade, mas com vontade de vencer e construir uma vida para si e para suas famílias, venceram os obstáculos e fizeram do local uma parte de sua própria vida (BORGES, 2001, p. 115).

A maioria dos alunos e das alunas desloca-se a pé para a escola. Os(as) que vêm de ônibus residem em zona rural da cidade. O EJA funciona no turno da noite. No mesmo terreno, que ocupa toda uma quadra, há também a Escola de Educação Infantil Irmã Delma.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias situa-se num outro ponto da cidade - distante da instituição de ensino citada anteriormente -, no bairro Jardim Toscano.

Uma das grandes conquistas foi a Escola Duque de Caxias, em 1959, que funcionava na Fazenda Cascavel. Em 1964, foi transferida para o Capão da Lagoa, na Fazenda de Antônio Cunha. Foi somente em 1966 que chegou ao bairro Jardim Toscano. Na época, tinha apenas duas salas de aula, um banheiro e uma cozinha (BORGES, 2001, p. 163).

Jardim Toscano é um bairro composto por pessoas da classe baixa e média. Essencialmente residencial, habitam, em sua maioria, operários de madeireiras localizadas nas proximidades (BORGES, 2001, p. 163). Há também uma quantidade expressiva de moradores e moradoras que trabalham nas firmas de maçã da cidade. Como ponto de referência, há a Estação Rodoviária Municipal, situada no bairro vizinho, Kennedy.

Os alunos realizam o trajeto casa-escola-casa a pé. A escola oferece EJA no turno da noite.

OS NORTEADORES DA INVESTIGAÇÃO

Aliado ao andamento da investigação consultei livros que evidenciavam a história de Vacaria. Foi no intitulado "História de Vacaria: Evolução urbana e formação de bairros", de Maria Neli Ferreira Borges (2001), que encontrei referências importantes para a construção de meu trabalho.

Com a orientação do professor Mesac Silveira, descobri no livro de Ecléa Bosi (2003) "O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social", um caminho que despertou ainda mais interesse pela investigação: o da memória. Por essa razão, decidi investir com maior profundidade nas lembranças das professoras investigadas.

Outra indicação do professor foi o documentário de Eduardo Coutinho (2006), "Jogo de Cena", que apresenta mulheres contando suas histórias de vida, e como cenário o Teatro Glauce Rocha, no Rio de Janeiro. Inclusive atrizes interpretam algumas das histórias relatadas. "O que está em discussão é o caráter da representação" (COUTINHO, 2006).

Esse material foi um grande estímulo para a condução das entrevistas. Pude perceber a importância do ouvir, do tempo que é necessário para que a pessoa se expresse de maneira confortável. Na forma escrita também foi necessária paciência e um controle quanto à quantidade de exigências, visto que o excesso poderia inibir as participantes.

Nas leituras dos livros de Olga Reverbel (1989) encontrei o conforto que precisava para complementar as escritas das entrevistadas. A autora, além de jogos teatrais para realizar na escola, escreveu também sobre professores e professoras que não possuem formação em Teatro e montam peças teatrais com suas turmas.

Com "Jogar, Representar", de Jean-Pierre Ryngaert (2009), pude refletir com maior aprofundamento sobre as situações citadas pelas educadoras. Percebi nas ideias delas um estado de jogo, uma busca por maneiras de fugir de "condutas rotineiras, ideias preconcebidas, respostas prontas para situações novas ou medos antigos" (RYNGAERT, 2009, p. 60).

OS PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO

"Denominamos Montagem Cênica a atividade dramática que permite aos alunos relacionarem a ficção teatral com a realidade da sua experiência de aprendizagem" (REVERBEL, 1979, p.81).

Escolhi duas professoras como sujeitos da investigação. Já conhecia o trabalho de ambas, bem como possuía seus contatos. Por essa razão confiei na garantia de retorno no período destinado à pesquisa, o que realmente ocorreu.

A intenção inicial era gravar as entrevistas e assim transcrevê-las. Com o desenvolvimento dos estudos para esse trabalho, optei por deixar que as professoras decidissem qual a melhor maneira de contribuir, se através da fala gravada ou da escrita. Ambas preferiram escrever.

A decisão das participantes favoreceu o trabalho. Notei que assim as educadoras ficaram ainda mais entusiasmadas em participar, pois ambas têm prazer pela escrita.

A entrevista foi organizada em três momentos: no primeiro momento, intitulado "O Teatro na Vida das Professoras", solicitei que escrevessem sobre seus históricos de vida relacionando com as experiências teatrais vividas. Assim, pude perceber os porquês do encantamento pelo teatro.

As professoras destacaram momentos significativos, em especial os da infância relacionados com a escola. O pouco envolvimento, por razão de fatores externos, como não ser escolhida pela professora titular, foi destacado por ambas.

O segundo momento, "As Montagens Teatrais na Escola", destinou-se a questões técnicas - sobre o material comumente utilizado em suas encenações - e sobre os processos de ensaio. A questão norteadora foi: *Escolha uma das encenações que citou no primeiro relato para argumentar mais, destacando como foram os ensaios, as apresentações e sobre o material utilizado.*

Cada uma escolheu a encenação que mais possuía lembranças, assim puderam detalhar os acontecimentos. O que percebi na escolha da peça para relatar foi o prazer durante o processo e o resultado satisfatório, tanto para professoras quanto para alunos.

E o terceiro momento, intitulado "As Perspectivas", enfatizou as considerações e desejos das educadoras em relação ao teatro na escola. Para auxiliar suas reflexões incluí algumas questões. Elas não precisavam necessariamente responder cada uma delas.

A intenção foi estimular a escrita final através das questões: *O que espera do teatro na escola? Quais as suas motivações para fazer teatro na escola? O que gostaria de escrever mais (referente ao que enviou nos relatos anteriores)? Por que ser professora?*

Além de pessoalmente, os contatos com as educadoras aconteceram por mensagens de celular, ligações e através da internet. Essa troca de informações ocorreu de agosto até novembro de 2014.

Entrevistar trata-se de um trabalho muito delicado. Exige compreensão e principalmente confiança, uma vez que os sujeitos da investigação estão descrevendo suas trajetórias.

Um de meus compromissos durante a execução do trabalho foi investigar as professoras de forma respeitosa. Evitei questionamentos que as constrangessem, assim "[...] tentando levar os sujeitos a expressar livremente as suas opiniões [...]" (BOGDAN; BIKLEN, 1997, p. 17).

Como evidencia Ecléa Bosi: "é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo [...]" (2003, p. 56). Organizei as propostas para escrita com a intenção de que as entrevistadas colocassem suas memórias em relação ao teatro. Deixei livre a quantidade de páginas para os seus relatos.

O TEATRO NA VIDA DAS PROFESSORAS

A vocação é um compromisso com a paixão pelas diversas dimensões do conhecimento - psicológicas, epistemológicas, sociais, éticas e políticas - e pela curiosidade por tudo aquilo que acontece na aula, no centro de ensino e na comunidade, porque a vocação é uma decisão individual que se projecta no colectivo" (SEBARROJA, 2001, p. 128).

O relato da professora Cleusa iniciou com lembranças da infância e a relação com o circo: "No circo tinha encenações de pequenas peças e eu sempre gostei. Sempre íamos com as irmãs mais velhas [...]" (2014).

Com esse comentário da professora refleti sobre o circo na atualidade - e isso destaco referente à cidade de Vacaria. No município, a frequência de trupes que se instalam é cada vez menor.

A lembrança da escola também foi relatada:

Na escola nunca tive oportunidade de representar, nem em apresentações do Dia das Mães e do Dia dos Pais. Particpei de encenações na igreja católica - na igreja da Glória - onde a gente ensaiava e apresentava alguns textos bíblicos, na semana santa, em preparação para o Natal, entre outros (2014).

Conversei com a entrevistada, após a entrega do relato. Ela explicou que o motivo de não participar das peças teatrais na escola era pelo fato da professora nunca a escolher. Os escolhidos e escolhidas eram os(as) mais desinibidos(as). A igreja de Nossa Senhora da Glória localiza-se no bairro Glória, em Vacaria.

Há, ainda nos dias atuais, professores e professoras que selecionam participantes para montagem teatral conforme critérios, tais como: boas notas, assiduidade, comportamento, desinibição e até por características físicas. Esses critérios podem ser suficientes e eficientes para a composição de um elenco,

porém, o que ocorre em certas situações é o descaso com alguns alunos e algumas alunas, deixando de fora, sem que possam colaborar de alguma forma.

Recordo que comigo, quando aluno do ensino básico, muitas vezes não fui incluído nas apresentações artísticas. Era um aluno tímido, o mais envergonhado da turma. O fato de não ser escolhido me deixava triste, pois queria estar participando. E esse não ser escolhido significava, na maioria das vezes, não poder colaborar em nada no processo.

Outro momento destacado pela professora referiu-se a uma disciplina de sua graduação em Letras: "[...] lembro que nas aulas de Literatura da Língua Inglesa o professor sempre queria que encenássemos textos que ele distribuía, e a avaliação era pelo desempenho na apresentação" (2014).

Nas graduações, em especial licenciaturas, os professores e as professoras solicitam apresentações do conteúdo estudado em forma de teatro. Vejo nisso uma maneira de fixar o assunto aliando à descontração.

Sobre sua Pós-graduação em Psicopedagogia, relatou que faziam apresentações teatrais. Tanto as propostas como a apresentação aconteciam na mesma aula: "[...] os professores sempre lançavam desafios para montarmos apresentações relâmpagos, de casos de estudo" (2014).

Associo essas apresentações relâmpagos às improvisações. Ryngaert (2009) escreve sobre a improvisação. Ele destaca essa provocação, da parte do professor e da professora, que precisa ser desenvolvida pela turma na forma de cena teatral: "A improvisação exige o enfrentamento de diversos problemas ao mesmo tempo. É preciso se movimentar num espaço, estar atento aos parceiros, inventar, falar, referir-se a um eventual roteiro, num mesmo momento" (p. 99).

A professora Emanuele inicia seu relato com as lembranças da infância. Ela nasceu em Bagé. Após o falecimento de seu pai, num grave acidente de trem, sua mãe, irmã mais velha e ela foram morar em Rio Grande:

Frequentei uma escola do estado que proporcionava muito mais atividades diversificadas do que muitas escolas particulares do nosso país. Até mesmo a língua francesa fazia parte do currículo dessa instituição. Foi nesse período que o prazer pela cultura florescera em mim (2014).

Os estímulos que recebemos durante a infância, sejam visuais, auditivos, olfativos, etc, dão um significativo valor nas atividades que desenvolvemos na fase adulta. No caso da professora Emanuele, entendo esse "prazer pela cultura" como uma apreciação dos elementos artísticos, seja no teatro, na dança, música ou nas artes visuais.

A educadora descreve também seus estudos na cidade de Vacaria - após dois anos em Rio Grande, a família mudou-se para Vacaria. Ela relatou sobre a indiferença que sentia na escola que ingressou: "Nas atividades relacionadas às artes ficava sempre de fora e isso me entristecera muito..." (2014). Três anos após, sua mãe a transfere para outro colégio:

Lá a situação mudou de figura. A professora de artes visuais (antiga educação artística) me envolvia em tudo que proporcionava. Nas apresentações teatrais, nas danças e outras representações culturais. Ali eu percebera o quanto à tomada de atitude de um educador transforma vidas. Fui inserida em momentos teatrais prazerosos, inesquecíveis... Assim, nasceu em mim, uma vontade extrema de envolver-me com o teatro (2014).

A figura da professora motivadora e atenta ao que cada aluno e aluna pode contribuir se mostra presente nesse trecho. Como estudante de licenciatura e pelas minhas experiências de professor, reflito sobre a importância de encantar os alunos e as alunas, e não apenas despejar conteúdos.

Muitos estudantes precisam apenas de um "empurrãozinho" para começarem a mostrar seu potencial, escondido até o momento. Cito Paulo Freire (2011), pois encontro nas suas palavras uma reflexão que motiva minha postura como educador:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à assunção do educando por si mesmo (p. 43).

O professor ou professora, mesmo num gesto singelo, pode fazer grande diferença na escola.

AS MONTAGENS TEATRAIS NA ESCOLA

"O maior estímulo para que a capacidade criadora do professor se desenvolva é o diálogo com o aluno" (REVERBEL, 1979, p.8).

Em Vacaria, atualmente - estou referindo-me ao ano de 2014 -, não há professor com formação em Teatro, nem ator com a referida graduação.

Os espetáculos teatrais, quando não apresentados na escola, são organizados nos clubes da cidade ou Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), em dias e horários de funcionamento dos colégios. Assim, professores e professoras podem conduzir as turmas para o local da apresentação.

Na Casa do Povo, intitulada recentemente Casa de Cultura Marcos Palombini - homenagem a um ex-prefeito da cidade -, também são agendadas apresentações artísticas. O local oferece palco e, aproximadamente, 400 cadeiras estofadas.

Conforme a distância entre escola e local que ocorrerá a peça teatral é feito o agendamento de ônibus da Prefeitura para transporte das turmas e professores(as).

Taís Ferreira (2006), na sua pesquisa com crianças espectadoras de peçateatral, e residentes em cidade do interior do Rio Grande do Sul, evidenciou: "[...] a grande maioria das crianças tem seus primeiros ou únicos contatos com o teatro por meio das escolas" (p. 12). Associo essa realidade também às escolas de Vacaria. As instituições de ensino do município recebem apresentações teatrais, na maioria dos casos, organizadas por grupos de cidades vizinhas ou de Porto Alegre.

Olga Reverbel(1979) ressalta sobre a participação de pessoas envolvidas em teatro no âmbito escolar. Percebi nas educadoras investigadas a disponibilidade para buscar apoio de artistas locais, no caso artistas plásticos e professores(as) com formação em artes visuais, também pessoas com formação em Educação Física, seja licenciatura ou bacharelado, que desenvolviam algum trabalho relacionado à dança.

Quanto à participação de atores ou de diretores de teatro seria de grande valor no âmbito escolar, não como professores, é claro, mas como pessoas-fontes, para informação e enriquecimento da bagagem cultural do professor no desenvolvimento do processo de ensino - aprendizagem (REVERBEL, 1979, p. 6).

Uma característica que notei nas entrevistadas foi a disponibilidade para criar com suas turmas. Pude perceber nos relatos, que ambas possuem uma escuta atenta, pesquisando junto com alunos e alunas possibilidades para a montagem teatral. Assim, como Paulo Freire (2011) salientou: "Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago"(p. 30-31).

Em ambas pude notar a utilização do teatro como recurso didático. Olga Reverbel (1979) escreveu em seu livro "Teatro na Sala de Aula" sobre a utilização do teatro na escola por professor e professora sem formação na área, destacando que são estratégias "[...] para que o aluno não conte apenas com o livro-texto como instrumento de aprendizagem" (p. 7).

O teatro muitas vezes é utilizado como complemento para o entendimento do conteúdo escolar. Como relata professora Cleusa:

Teve uma sétima série que tinha um capítulo do livro de português, que eles usavam, que falava sobre teatro [...]. A partir daí, dividi a turma em grupos, selecionamos um texto para cada grupo e eles apresentaram, foi bem legal. Mas a apresentação foi feita só para a turma (2014).

Outra situação citada pela educadora refere-se a um projeto sobre trânsito. Ocorreu no ano de 2013. Na ocasião, fui convidado para acompanhar um ensaio e orientar o trabalho da turma com a professora. Essa peça foi apresentada, inicialmente, na própria escola, o que resultou em convites para apresentações em outras instituições de ensino.

Essas apresentações, conforme conversa com a professora, estimulou ainda mais os alunos: "Fomos até o município vizinho, em Monte Alegre dos Campos, Feira do Livro [...]" (2014).

Outro projeto que a Escola Nabor Moura de Azevedo também participou tinha como tema o Lixo. Uma das turmas da professora Cleusa encenou a canção "Menino de Rua" cantada pela dupla Rick e Renner:

Lembro que o guri que fazia o papel de menino de rua tinha muita dificuldade para ler e escrever. Mas na hora de encenar ele se transformava, vivia mesmo o personagem e essa apresentação também foi feita em várias oportunidades na escola (2014).

Percebi que o entusiasmo da professora, aliado a motivação que ofereceu à turma foi determinante no sucesso do projeto. Sua intenção foi trabalhar também a autoestima das pessoas envolvidas, levando o aluno e aluna a "descobrir-se, descobrindo o outro e o mundo que o rodeia" (REVERBEL, 1979, p. 13).

O trabalho teatral desenvolvido em ambiente escolar exige do professor e da professora, além de criatividade, muita dedicação. É necessário inspirar os alunos e alunas durante todo o processo para que no momento da apresentação haja euforia, um estado de entrar em cena para fazer o melhor e cativar a plateia.

Olga Reverbel (2001) em seu livro "Jogo Teatral no Livro do Diretor", explica sobre a inspiração no teatro. Alterando para o contexto escolar sugiro que o termo "diretor" seja lido como "professor"; "jogadores" e "atores" interpretados como "alunos":

A inspiração no teatro aparece em forma de energia. Isto não significa saltar desenfadadamente pelo palco (embora às vezes ajude). É a intensidade do foco do diretor naquilo que os jogadores estão fazendo, mais o uso de instruções habilidosas, que estimula os atores a expandirem-se, a alcançarem o que está mais além. Algumas vezes o diretor deve literalmente despejar esta energia sobre o elenco e, na maioria dos casos, o elenco responderá e será capaz de despejar toda aquela energia de volta novamente (REVERBEL, 2001, p. 27).

A professora Emanuele relatou sobre seus quase nove anos trabalhando em Escola de Educação Infantil: "Trabalhei com todas as faixas etárias, do berçário ao pré. Desenvolvi atividades teatrais mais especificamente com as turmas de jardim e pré" (2014).

Essas atividades, conforme relato da educadora, foram desenvolvidas com o intuito de estimular a espontaneidade e criatividade das crianças. Olga Reverbel (1989), em seu livro "Um Caminho do Teatro na Escola" escreve sobre o jogo para a infância:

Através do jogo, a criança dinamiza capacidades que decorrem de sua estrutura particular e realiza os potenciais virtuais que afloram sucessivamente à superfície de seu ser. Ela os assimila e desenvolve, une-os e complica-os, em suma, coordena seu ser e lhe dá vigor (p. 35).

Tive a oportunidade, em 2013, a convite da professora Emanuele, de contar uma história a sua turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Após a minha atividade, permaneci na sala participando da aula como observador. Constatei que o clima de cooperação e participação era constante na turma.

A educadora adotou procedimento que considerei bastante proveitoso. Os alunos e alunas tinham voz e contribuía significativamente para o bom andamento das atividades.

Em outras oportunidades pude acompanhar ensaios de teatro organizados pela professora. Havia também essa atmosfera de satisfação pelo conhecimento. Ela utilizava motivações que colaboravam para o envolvimento espontâneo da turma.

A professora Emanuele relatou sobre a peça "A Formiga e a Neve" que montou com uma das turmas do pré:

Lembro-me que o figurino e cenário eram bem simples. Panos brancos como fundo, caixa de papelão pintada por mim como a porta e bolinhas de isopor representando a neve. As crianças vestiam preto e confeccionei umas anteninhas com tiaras e bolinhas de isopor pintadas de preto. Como era a professora "substituta" ensaiava uma vez por semana e como a história já era pronta precisei trabalhar com as crianças marcação e falas. Depois de um tempo apresentamos para as outras turmas da escola e representamos a mesma na feira do livro da cidade. Era tudo assim, na base do improvisado e da boa vontade, já que não tinha formação cênica para trabalhar com os alunos. Apenas usava o conhecimento adquirido através dos cursos de teatro que eu já havia feito e da minha experiência num grupo teatral [...] (2014).

A educadora dedicou-se em pesquisar elementos visuais para a montagem da peça. O trabalho de construção dos cenários e figurinos foi realizado em conjunto com a turma.

Percebi, em conversa com a professora Emanuele, o empenho quanto ao acolhimento de todos e todas na encenação, além do respeito à espontaneidade das crianças. Olga Reverbel(1979) enfatizou a importância de envolver os alunos e as alunas em trabalho cênico, e relaciono esse comprometimento ao modo que a educadora monta suas peças teatrais: "Só haverá descobertas num clima de liberdade e consideração pelas manifestações espontâneas dos alunos" (p. 22).

A professora Cleusa ressaltou sobre a peça apresentada na Semana do Trânsito:

A ideia surgiu a partir de um projeto que foi apresentado para os professores desenvolverem com os alunos sobre o trânsito. No projeto, tinha várias sugestões de trabalhos que poderiam ser apresentados a partir do desenvolvimento do tema: redação, poesia, paródia, teatro, desenho, acróstico... (2014).

Ela citou que na época, em 2013, trabalhava com duas turmas de 8º série. Sugeriu ao grupo que escrevesse sobre o assunto, com o intuito de transformar o conteúdo em peça teatral. Destacou ainda que: "Alguns gostaram, outros não demonstraram interesse algum" (2014).

Como professora de Língua Portuguesa, procurou aliar a matéria ensinada naquela ocasião com a proposta teatral. Houve também momento dedicado às leituras das produções escritas pela turma.

Após, o grupo elaborou o texto, aliando as ideias selecionadas. Percebi, pelo relato, que todo o processo foi desenvolvido de forma colaborativa. Os estímulos oferecidos pela educadora motivaram ainda mais os alunos e as alunas para envolverem-se e dedicarem-se à proposta.

Esse processo ocorreu todo na sala de aula. No texto foram inseridos diálogos e partes narradas. Dilza Délia Dutra (1972) destacou em seu livro "Teatro é Educação" sobre esse procedimento de criação em conjunto com a turma, atendendo ao interesse do grupo:

O jovem deve sentir que o teatro é seu, que existe em função do seu aprimoramento e que não é uma oportunidade para alunos e professores salientarem-se. [...] A escolha das peças deve partir dos motivos vigentes e de interesse geral dos alunos. Eles mesmos podem criar enredos e redigir suas peças (p. 13).

Concluída a escrita da peça, a professora Cleusa fez um levantamento de quais alunos e alunas gostariam de participar da apresentação. A proposta foi de que todas as pessoas interessadas atuariam.

A educadora relata como se procederam os ensaios:

E então começamos os ensaios. Consegui uma professora que fazia atividades com os alunos que não queriam participar do teatro. Eu levava eles na biblioteca para ensaiar. As primeiras vezes eram muito difíceis, pois eles queriam brincar e a distribuição dos papéis foi agitada (2014).

Esse "brincar" citado pela professora, tem relação com a pouca atenção às suas orientações. A empolgação em realizar algo inédito - afinal, cada montagem tem suas particularidades - justificou esse espírito de brincadeira. Aliado a isso, teve a mudança de local para realizar a atividade. A saída do espaço convencional, sala de aula, influenciou o entusiasmo do grupo.

Durante esse processo fui convidado a acompanhar um ensaio no horário de aula da turma, mais especificamente nos dois primeiros períodos do turno da manhã. Olga Reverbel (1979), em seu livro "Teatro na Sala de Aula", salientou a importância de o professor e a professora de classe, não especializado em Teatro, estar conectado com um(a) educador(a) com formação na área, pois "[...] é a integração de ambos que torna fascinante o processo de aprendizagem" (p. 8).

Após breve conversa inicial, fizemos exercícios ao som de músicas instrumentais. A intenção foi relaxar e descontrair o grupo para que se estabelecesse um clima de confiança, visto que era o meu primeiro contato com a turma de adolescentes.

Depois, pedi ao grupo que apresentasse o que tinha ensaiado até o momento. Havia um aluno com a função de operar o cd no rádio, trocando a faixa, baixando e levantando o volume quando necessário. Outras alunas desempenhavam o papel de

contrarregras, colocando e retirando o cenário (cadeiras e mesa). Todas as pessoas presentes no ensaio exerciam uma função, o que achei bastante interessante.

Os alunos e as alunas estavam com o texto decorado, facilitando as minhas orientações, pois na medida em que sugeria, pedia que representassem conforme indicações. A turma mostrou-se solícita, tudo transcorreu de maneira harmoniosa. Pudemos aproveitar bastante o tempo disponível.

Professora Cleusa relatou sobre a continuidade dos ensaios, após minha participação: "O interesse deles aumentou, os ensaios foram melhorando, pouco a pouco" (2014). Fiquei contente em perceber que a turma se dedicou cada vez mais ao trabalho.

Sobre o material, a educadora escreveu:

O material a gente teve que conseguir emprestado, desde uniforme da Polícia Civil, Brigada Militar, Guarda Municipal, SAMU, o som eles fizeram uma montagem com a sequência das músicas que seriam usadas. Como era sobre trânsito, tinha um carro e um acidente, pois o motorista havia bebido demais. O carro, por sugestão do Vitor, era montado com 4 cadeiras e eles representavam com gestos as entradas, saídas e funcionamento do carro (2014).

Havia uma cena em que os personagens sofriam um acidente de trânsito, portanto, era necessário um carro fictício. Sugeri que colocassem cadeiras para representar o automóvel, sendo duas cadeiras simulando os bancos da frente e duas para os bancos traseiros. Dei a ideia também de o motorista segurar um volante para fazer os movimentos de dirigir. A turma conseguiu para os ensaios seguintes um volante de carro.

Assim, os personagens mexiam o corpo para o lado direito e lado esquerdo, representando as curvas na estrada. Para o acidente sugeri que impulsionassem os corpos para trás e, em seguida, se jogassem para as laterais, deitando no chão.

Indiquei essas marcações cênicas com referência a uma peça que apresentei nos anos de 2003 e 2004, que por sinal falava sobre trânsito. No decorrer daquela encenação ocorria um acidente, demonstrado de forma semelhante ao que indiquei à turma.

O título da peça do grupo com a professora Cleusa se chamou "Imprudência no Trânsito, Sonhos Destruídos", por sugestão de um dos integrantes da turma. A

educadora completou: "Não é fácil ensaiar na escola, em horário de aula. Embora que a direção sempre nos apoiava, havia muita reclamação dos colegas, do barulho, dos alunos saírem da aula para ensaios" (2014).

Os educadores e educadoras que fazem teatro na escola acabam, por diversas ocasiões, sendo taxados de inconvenientes pelos colegas de trabalho. A cada projeto teatral que desenvolvem necessitam repassar por todo o processo de adequação do ambiente. Situação que não foi diferente com a professora Cleusa.

Percebi pelos relatos e conversa com a educadora que houve envolvimento por parte dos alunos e das alunas durante todo o processo de montagem. Olga Reverbel (1993) dedicou em seu livro "O Texto no Palco" capítulo sobre leitura e direção de espetáculo teatral. Sugiro que a palavra "diretor" seja interpretada como "professor"; "atores" como "alunos e alunas":

Durante os ensaios o diretor ouvirá a opinião dos atores, podendo, em decorrência do diálogo, haver modificações no planejamento da encenação. É claro que o diretor argumentará e defenderá seu ponto de vista face às sugestões do grupo. Haverá sempre um jogo dialético entre diretor e atores, até que cheguem a um acordo; esse jogo só poderá tornar a encenação mais rica (p. 83).

Nem todas as instituições de ensino contam com espaço adequado para apresentações artísticas. E esse local não precisa necessariamente contar com um palco. Existem escolas - por exemplo, o Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, em Porto Alegre - que oferecem sala para atividades cênicas, com piso de madeira, cadeiras e bancos.

AS PERSPECTIVAS

"A este processo mágico pelo qual a palavra desperta os mundos adormecidos se dá o nome de educação. Educadores são todos aqueles que têm esse poder. Por isso que a educação me fascina" (ALVES, 2003, p. 94).

O teatro na escola foi a grande inspiração para o presente trabalho. Minhas experiências de educador em escolas, projeto social e catequese estimularam esse pensar teatro como instrumento de aprendizagem e não apenas como mero produto de entretenimento.

Para finalização das entrevistas solicitei que cada professora escrevesse suas considerações finais. Elas refletiram sobre perspectivas para o teatro na escola.

Coloquei questões com o intuito de estimulá-las a reflexão, não sendo necessário responder cada uma delas. As perguntas foram: *O que espera do teatro na escola? Quais as suas motivações para fazer teatro na escola? O que gostaria de escrever mais (referente ao que enviou nos relatos anteriores)? Por que ser professora?*

Deixei que escolhessem a melhor maneira para escreverem seus relatos. Destacarei todas as suas considerações, dividindo-as em trechos.

As palavras da professora Emanuele quanto ao que aspira para o teatro na escola:

Desejo que o teatro escolar faça parte do processo educativo diário dos alunos. Que ele possa estar presente auxiliando professores no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos. Pois o teatro na escola, na minha opinião, não servirá para formar atores e atrizes, mas, será parte integrante da rede e auxiliará diariamente na relação dos educandos com o meio escolar (2014).

A professora Cleusa dedicou uma parte de sua escrita para responder a questão "O que espera do Teatro na escola?":

Espero que o Teatro na escola seja valorizado, reconhecido e adotado como uma forma de ensino-aprendizagem, capaz de inovar e revolucionar os métodos de educação usados hoje. E que nele o corpo discente se sinta envolvido de tal forma que o estudo se torne um prazer. Que eles sintam satisfação de estudar e aprender, desenvolvendo muitas habilidades, valorizadas em todas as disciplinas escolares. Com isso, conseqüentemente, melhorem em todos os aspectos, moral, cultural, social, familiar (2014).

Os anseios das professoras Cleusa e Emanuele referente ao teatro na escola foram relacionados a um trabalho voltado, principalmente, à autoestima de alunos e alunas. Acho bastante válida essa atitude, uma vez que acredito ser um dos papéis de educadores e educadoras estimular para o conhecimento.

José Carlos Libâneo (1994) enfatizou a importância da estimulação que professor e professora devem oferecer na escola. Salientou ainda, sobre aluno e aluna: "Quanto mais sente que está progredindo, mais satisfação pessoal terá em ampliar os seus conhecimentos" (p. 113).

Respondendo a questão "Quais suas motivações para fazer teatro na escola?", professora Cleusa relatou:

São vários os motivos que me levam a gostar de fazer teatro na escola dentre eles uma maneira de proporcionar que os alunos demonstrem e descubram o talento na arte de representar; oportunizar a participação de todos, seja na arte de escrever, planejar, interpretar, organizar, narrar, ou fazer divulgação; fazer que o aluno se sinta capaz, levante a autoestima, acredite que pode, sim, desempenhar a função que lhe foi atribuída (2014).

Ela complementa, enfatizando seu contentamento e superação: "A satisfação é muito grande ao acompanhar os ensaios, desde o surgimento da ideia, conversas, dinâmicas, desentendimentos, nervosismo, ansiedade, até a apresentação propriamente dita" (2014).

Dilza Délia Dutra (1972) escreveu sobre o teatro na escola, realçando a importância que este tem para o reconhecimento de estudantes: "O teatro a serviço

da educação dará ao educando o ensejo de valorizar-se, aumentando o senso de responsabilidade" (p. 12). E essa busca pela autovalorização de alunos e alunas foi determinante no trabalho das professoras.

A professora Emanuele enfatizou a importância do teatro na escola como ferramenta de inclusão de todos e todas:

O teatro é desencadeador de libertação. Ele nos torna mais comunicativos, seletivos e proporciona prazer. Assim, ele integrará e será parte indispensável da educação tornando real um dos principais objetivos da escola: Ensinar a todos, sem qualquer distinção ou pre-conceitos (2014).

Pelas suas colocações no decorrer dos relatos percebi o empenho em desenvolver trabalhos na escola que acolham alunos e alunas. Em outras oportunidades pude conferir apresentações artísticas de suas turmas, e constatei que havia cuidado em evidenciar o empenho de cada um e cada uma. Atitude que considerei positiva.

A professora Cleusa também fez apontamentos significativos ao responder "O que gostaria de escrever mais":

Ressaltar que alguns alunos, que são muito tímidos se revelam bons "artistas" na arte de representar. E conseqüentemente melhora o rendimento escolar em várias áreas. Isso se deve ao fato deste aluno ser reconhecido, valorizado, elogiado durante todo o ensaio (2014).

No período escolar - educação básica - fui um aluno bastante tímido, por essa razão me identifiquei bastante com essa colocação feita pela professora. Os estímulos que educador e educadora oferecem em sala de aula contribuem significativamente para o desempenho de alunos e alunas. Acredito no reconhecimento como forma de estímulo para a compreensão dos conteúdos ensinados na escola.

A educadora complementou, relatando sobre procedimentos que adotou durante os ensaios:

Durante os ensaios realizo com todos os alunos da turma, inclusive com aqueles que não estão participando do teatro, atividades para elevar a autoestima (dinâmicas), acreditar na capacidade de cada um, ressaltando a importância de ter um sonho para realizar e fé no Pai universal. Antes de cada apresentação sempre temos um momento de reflexão e oração (2014).

Ela acrescentou sobre avaliação: "Depois de cada apresentação é feito um bate papo de avaliação, revendo o que deu certo, o que deu errado, o que deve ser melhorado, o que deve ser mudado..." (2014).

Percebi que durante o processo a professora Cleusa captou as informações da turma para aprimoramento da montagem teatral. Ryngaert (2009) salientou sobre a valorização que se deve dar aos integrantes de um grupo, nesse caso, da escola: "A escuta mútua é indispensável para os parceiros discutirem, sempre que possível, o conteúdo de uma sessão ou a evolução de um trabalho" (p. 255). Escuta que considerei de grande importância para a satisfação nos resultados.

POR QUE SER PROFESSORA?

Porque somos professores. Somos professoras. Somos, não apenas exercemos a função docente. Poucos trabalhos e posições sociais podem usar o verbo ser de maneira tão apropriada. Poucos trabalhos se identificam tanto com a totalidade da vida pessoal. Os tempos da escola invadem todos os outros tempos. Levamos para casa as provas e os cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro em nós (ARROYO, 2007, p. 27).

Ainda na parte três da entrevista, as professoras responderam a questão: *Por que ser professora?* Considerei válido fazer essa pergunta, em especial na etapa final da investigação, para deixar nesse trabalho uma reflexão do ser professor, ser professora, e como o fato de gostar do que se faz motiva a criação, nesse caso para montagens teatrais.

As educadoras investigadas, além do compromisso em ensinar, possuem a responsabilidade de estimular a criticidade e criatividade dos alunos e das alunas. José Carlos Libâneo (1994) salienta sobre a responsabilidade profissional de professores e professoras para com estudantes. O autor destaca o comprometimento de profissionais da educação para interesses da sociedade:

O compromisso ético-político é uma tomada de posição frente aos interesses sociais em jogo na sociedade. Quando o professor se posiciona, consciente e explicitamente, do lado dos interesses da população majoritária da sociedade, ele insere sua atividade profissional - ou seja, sua competência técnica - na luta ativa por esses interesses: a luta por melhores condições de vida e de trabalho e a ação conjunta pela transformação das condições gerais (econômicas, políticas, culturais) da sociedade (p. 48).

As palavras finais da professora Cleusa:

Sempre tive admiração pelas minhas professoras, o que me influenciou na escolha da profissão. Gosto de estar em contato com os alunos, aprendo muito com eles. Gosto do ambiente escolar e de ver o crescimento deles (2014).

A professora Emanuele finalizou justificando a decisão pela profissão: "Para tornar possível a educação para todos. Para mostrar que nada impede que um aluno possa aprender e que existem maneiras "não tradicionais" de se ensinar" (2014). E completou com apontamentos sobre o teatro na escola:

O teatro é necessário e não complementar. É preciso dissipar algumas "lendas" que fazem as artes serem vistas como um passatempo dentro da escola. Proporcionar cultura não tem nada a ver com privilégio, mas sim, com direito (2014).

Coloco também o porquê da minha vontade em ser professor e minhas perspectivas: Acredito no indivíduo, na capacidade criativa. Como educador sinto-me com a responsabilidade de estimular. Motivar a sensibilidade, imaginação, o compromisso e demais atributos necessários para uma formação de ser humano mais humano.

Escolhi licenciatura com a convicção de encontrar na educação possibilidades de transformação. Não apenas num caráter particular, mas pensando em todos e todas, que percorreram e percorrerão esse caminho comigo, mesmo que por um momento, por um ano letivo.

Finalizo esse trabalho e conseqüentemente a graduação em Licenciatura em Teatro, com felicidade e gratidão. Sinto-me alegre pelas pessoas que contribuíram na execução dessa investigação, seja presencialmente, espiritualmente ou emitindo boas vibrações. Afinal, há diversas maneiras de colaborar. Creio ter captado o que de melhor as pessoas puderam me oferecer.

CONCLUSÃO

O presente trabalho destinou-se a relatar como montagens teatrais foram elaboradas em um município sem professor ou professora com formação acadêmica em Teatro. A partir dessas percepções pretendo planejar - e isso nos estudos que almejo dar sequência - meios para instrumentalizar educadores e educadoras com formação em outras áreas.

Importante salientar que considero fundamental a presença de uma pessoa com graduação em Teatro na escola. O auxílio a professores e professoras precisa ser através de quem, por experiência, saiba indicar a instrumentalização necessária para a criação cênica.

UM TRABALHO QUE AINDA NÃO CESSOU

"Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu" (BOSI, 2003, p. 69).

O guri-homem sonha muito. Quer continuar estudando as artes, a educação. Ele quer seguir em algo que lhe dê prazer e que transmita coisas boas as outras pessoas. Os caminhos que já percorreu o nutriram de esperanças, de vontades, de seguir em busca de seus desejos.

Ele quer crescer ainda mais. Ele sonha muito, e são essas vontades que o movem. Que fizeram sair de uma cidade que ama muito para outra que aprendeu a amar. As dificuldades o ajudam a ter ainda mais garra para seguir em frente, fazer dos sonhos realidades.

O guri-homem hoje, final de 2014, está muito mais feliz. A formação acadêmica em Teatro era um de seus três desejos, lembrados todos os dias em oração - os outros dois são segredos. Ele acredita que pensamento positivo leva a muito longe, a lugares imagináveis e até inimagináveis.



Guri-homem apresentando seu Trabalho de Conclusão de Curso (2014).

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubens. **Conversas sobre Educação**. 6. ed. Campinas: Verus, 2003.

ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo; ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução por Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1997.

BORGES, Maria Neli Ferreira. **História de Vacaria: Evolução urbana e formação de bairros**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DUTRA, Dilza Délia. **Teatro é Educação: O teatro na escola**. Florianópolis: Edições a Nação, 1972.

FERREIRA, Taís. **A Escola no Teatro e o Teatro na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FLORENTINO, Adilson. **A Pesquisa Qualitativa em Artes Cênicas: Romper os fios, desarmar as tramas**. In: TELLES, Narciso (Org.). **Pesquisa em Artes Cênicas: textos e temas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012. P. 123-138.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. P. 32-33.

GRESSLER, Lori Alice. **Pesquisa Educacional**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Joana. **Pega teatro**. Campinas: Papirus, 1989.

PINOTTI, Ademar. **Só para lembrar**: Vacaria em fotos. Caxias do Sul: Lorigraf, 2011.

REVERBEL, Olga. **Teatro na Sala de Aula**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1979.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, Representar**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTOS, Júlio César Furtados dos. **Aprendizagem Significativa**: Modalidades de aprendizagem e o papel do professor. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento**: Do faz-de-conta à representação teatral. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos (Org.); SPRITZER, Mirna (Org.). **Teatro com Jovens e Adultos**: Princípios e práticas. Porto Alegre: Mediação, 2012.

SEBARROJA, JaumeCarbonell. Projecto Educativo, Autonomia Pedagógica e Organização Escolar. In: **A Aventura de Inovar**: A mudança na escola. Porto: Porto Editora, 2001. P. 91.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Currículo: A atividade humana como princípio educativo - para além da prática disciplinar instrucionista. **Revista de Educação AEC**, Brasília, n. 140, p. 27-46, jul./set. 2006.

FONTES CONSULTADAS

Reforma e Reinauguração da Casa do Povo

Disponível em: <<http://revista.penseimoveis.com.br/noticia/2012/06/unica-obra-de-oscar-niemeyer-no-rs-e-reaberta-apos-tres-anos-de-reformas-3801239.html>>.

Acesso em: 10 abr. 2014.

Prefeitura de Vacaria

Disponível em: <<http://www.vacaria.rs.gov.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

Imagem da Catedral de Vacaria

Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1435066>>.

Acesso em: 01 jun. 2014.

Imagem da Igreja de N. S. do Caravaggio

Disponível em: <http://turma321ig.blogspot.com.br/2013_08_01_archive.html>.

Acesso em: 02 jun. 2014.

Lista de escolas estaduais, municipais e particulares de Vacaria

Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/busca_escolas.jsp>.

Acesso em: 04 jul. 2014.

Dados do IBGE sobre Vacaria

Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=432250&search=|in fogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 05 jul. 2014.

Concurso Magistério 2013

Disponível em:

<http://www.seduc.rs.gov.br/pse/html/conc_magisterio.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em 15 out. 2014.

Casa do Povo - Vacaria:

Disponível em:

<<http://www.vacaria.net/noticia.php?noticia=1228>>. Acesso em 18 out. 2014.

COUTINHO, EDUARDO: Jogo de Cena. 2006. DVD.